

“Ressocialização humanizadora em ambiente prisional” (2015)

(Antigo: Roteiro inicial para Projeto do Modelo de Gestão da Academia das Cidades no Presídio Aníbal Bruno – 2009-2010)

Grupo interdisciplinar de trabalho / Equipe técnica

Prof. Marcelo L. Pelizzoli (PPGDH e Espaço de Diálogo e Restauração - UFPE)

Denise Moura (UFPE) e Arte de Viver

Grupo Além das Grades (FDR)

Telma Lins (PJALB)

Graça Souza (PJALB)

João Carlos Leitão (Hospital Ulisses Pernambucano e CEBB)

Núcleo Justiça Restaurativa Pernambuco

Preliminar

O decorrer dos encontros da equipe em 2009 trouxe a necessidade de sistematização da proposta de intervenção, na forma de pré-projeto como base para o Projeto Geral com a firma das parecerias. Como estamos numa fase preparatória, faz-se necessário uma compreensão niveladora da equipe, bem como as linhas gerais do projeto, concebendo as primeiras ações possíveis e cabíveis para o contexto e clima prisional. O processo de andamento deve prever a capacitação interna e a intervenção externa (a iniciar por um projeto-piloto e ações correlatas prévias), que vão crescer e se reorganizar no decorrer do tempo e dos encontros. É importante que a equipe investigue algo das **tecnologias psicossociais** que vão ser propostas, troque experiências, buscando apoio em pessoas capacitadas na área, tanto quanto vá sentindo e mapeando o ambiente da intervenção.

Princípios sociais (éticos) de base na “Humanização e (re)socialização”

Trata-se de compreender e buscar **valores** humanos, muitas vezes escondidos, condição para qualquer ação/ética humana, a que as palavras *humanização e ressocialização* devem sempre acompanhar, num sentido interdependente:

Formação humana (educação e cultura – corpo e mente)

Resgate de familiaridade (inclusão / empatia / Restauração)

Cidadania (direitos e deveres, responsabilidades, consciência política)

Conceitos-chave envolvidos

Para uma visualização geral da proposta, cabe perceber com que conceitos (e portanto que significados e realidades neles se guardam) estaremos trabalhando não no sentido apenas no léxico mas no que cada termo traz em determinado contexto de linguagem e de fala. No desenrolar do projeto cabe afinar no grupo as concepções e direções principais de trabalho.

* **Conceitos básicos:** Violência (Violência estrutural e sistêmica, reverberação de violência, vingança), crime (e criminoso, estigmas), Sistema Prisional, Reincidência, Comunidade (sentido de..., pertencimento, interações, inclusão...) Códigos e linguagem prisional, Responsabilidades e deveres, Humanização, Ressocialização/socialização / Tecnologias psicossociais, intervenção e ação de cidadania, cultura de paz, direitos humanos, ética (para além do moralismo), Diálogo e mediação, educação e formação humana, corpo e mente (uma educação física numa visão integradora...), rede (complexidade social, interdependência de fatores), Justiça Restaurativa (JR), Sistema familiar (e social), Ordens da Ajuda, aspectos emocionais.

Quanto às Tecnologias (psico)sociais envolvidas:

Meditação e silêncio; exercícios de Respiração e bioenergética; Liberação do trauma (TRE); Representação de conflitos (teatro); Constelação Familiar e Terapia dos Sistemas Familiares Internos; Terapia comunitária; Contação de histórias; Biodança; Círculos Restaurativos (Diálogo e Cuidado - cf. Pelizzoli, 2008, 2012 e 2015)

À formulação “**Tecnologias psicossociais**” (ou socioeducativas) cabe uma atenção maior pensando-se na intervenção. Como técnica/tecnologia ela compõe meios, habilidades e instrumentos no âmbito da formação social, humana, que é o sentido maior ou finalidade para a qual existe toda a tecnologia. *Tecnologias sociais* não devem ser vistas como fórmulas prontas a serem reproduzidas fielmente, mas como habilidades em processo que devem ser estudadas e exercitadas e encontrar seu contorno no meio comunitário (social, grupo) em que se exerce. Não obstante, o fato de que existam tecnologias sociais para danos (psico)sociais, como violência, perda de valores e desagregações de toda ordem, nos dá uma confiança e energia prévia. Para tanto, é necessário pesquisar e entender os projetos sociais que se valem das mesmas (vide experiências realizadas em presídios, com modelos como Vipassana, Arte de Viver, Justiça Restaurativa Prisional, Práticas Integrativas em Saúde, e outros). As populações estão carentes, não apenas de condições materiais, mas de condições de humanização (pacificação, resolução de conflitos, manejo de dramas familiares, os quais potencializam os efeitos de violência e exclusão).

Necessidade de mudança de olhar (paradigma)

Apesar de que nos propomos a trabalhar com o sistema prisional, qualquer intervenção social depende do olhar instaurado tanto pela equipe quanto *in loco*. Como pressuposto, cabe-nos compreender profundamente que estamos trabalhando, ou melhor, nos relacionando com **pessoas presas**, que como todas as outras têm demandas humanas (sociais, afetivas, culturais etc.), apenas podendo diferir no grau e incorporação dos princípios sociais citados acima. Cabe saber que todos precisam de ressocialização, bem como, ter claro a necessidade de aprimorar a motivação e a energia constante do grupo executor; de igual modo, como elaborar este olhar junto aos funcionários envolvidos, e que reverberará no trabalho com os reeducandos.

Em tese, o trabalho com os funcionários (agentes e outros) torna-se muito importante para a instauração de novos paradigmas nos ambientes socioeducativos.

No paradigma mecanicista/cartesiano da ciência, similar ao paradigma retributivo/vingativo no judiciário, tende-se a olhar fragmentariamente, isoladamente, perdendo-se a dimensão de complexidade e rede, ou seja, de que as coisas são tecidas junto, e daí a interdependência de fatores (Cf. Pelizzoli 2008 e 2010)

Na questão prisional, o modelo reducionista e vingativo nos leva a crer que lidamos com um “criminoso”, com vontade absolutamente própria e independente, plenamente autônomo; tal visão nos faz esquecer que o crime deve ser visto pela dimensão de causalidades institucionais e familiares, econômicas, fundamentalmente comunitárias que são determinantes, além das condições psicossociais da pessoa que comete o ato. Não podemos optar pela posição do “gene maligno”, gene criminoso e assim instaurar uma Ordem Repressora que enquadrará e corrigirá comportamentos como se fossem robôs; por sua vez, também não devemos optar pelo romantismo que olha os seres humanos como inocentes que podem decair. Cabe aqui a visão de rede social, e de que estamos a lidar com a Sombra psicossocial e, portanto, efeitos de Sociedade e de conflitos inerentes (cf. Pelizzoli 2009, 2015)

Metodologicamente, nosso olhar também não deve revestir-se da aura do salvador, mas compreender os limites. Esta pode ser uma capa que impede o entendimento do que ocorre no ambiente, tanto quanto da indisponibilidade de nossa presença para encontrar o outro na sua necessidade e realidade. Se não estamos ali para “salvar”, podemos nos abrir ao que vem e aceitamos os limites, dialogando com eles a todo instante para ver o que é possível fazer ou **não** fazer (ver B. Hellinger, *Ordens da Ajuda*)

O novo olhar/paradigma traz o mote da **Inclusão**. Na Cultura de Paz e na realização dos valores universais, sem os quais nenhum ser humano de fato vive como humano, tomar o viés da inclusão é essencial, na realização do sentido das tecnologias sociais. Cabe saber que a exclusão gera mais exclusão, tal como a violência sendo respondida com mais violência, numa espiral constante. Incluir o Outro e o excluído pode se tratar de algo muito complexo e sem expectativa de curto prazo, mas trata-se de partir das pequenas coisas, dos detalhes humanos. Um olhar, uma presença, uma palavra, um apoio, um equipamento cultural ou um exercício físico, um grupo, uma ação lúdica, uma meditação ou oração em conjunto, uma escuta e uma contação de histórias, podem nos revelar que o pequeno tem também o grande dentro. E assim, gradualmente, buscamos recompor a espiral da afetividade/conexão/paz como antídoto à *espiral da violência*.

** Encaminhamento quanto aos itens acima e para as tecnologias psicossociais a serem usadas:*

1 – Estudo individual do tema com bibliografias pré-definidas, e discussão em grupo na equipe para coesão interna (ver mais adiante). Estudos de Caso.

2 – Mapeamento e possível visitação a projetos/pessoas relevantes na área

3 – Supervisão de trabalhos; avaliação e aprimoramento.

4 – Fortalecimento da Rede de apoio e política para o Sistema Prisional, com a participação ampla de entidades, em especial da SERES e do Conselho Penitenciário de PE.

Contexto geral

* Contexto de carência

O ambiente prisional pernambucano e brasileiro apresenta um quadro problemático em vários sentidos. No seu âmago é preciso se concentrar inicialmente em questões básicas, como o cuidado com o corpo e alimentação por exemplo, para então proceder às questões de ordem psicossocial e correlatas. Em todo caso, do início ao fim encontramos um estado de carência avolumada das populações, carência de condições estruturais/habitacionais/convivenciais e também psicossociais, ou seja, negação da humanidade. No somatório destas questões é que podemos entender porque sentido último correcional de uma prisão perde-se lamentavelmente no momento mesmo em que é chamada a ressocializar/reeducar o preso, com a crença social de “pagar pelo crime” com a punição que o corrigirá. O que se observa numa primeira apreciação, sem ainda citar dados específicos, é na maioria dos casos o oposto, chegando até a expressão “Escola do Crime”. Ao sistema prisional coube, invertidamente, o papel de “depósito e contenção” de (potenciais) transgressores. E aqui se aplicou o grande paradigma dicotômico de nossa cultura ocidental: a luta do Bem contra o Mal.

Os acontecimentos trágicos – tendo o ápice em rebeliões com mortos e feridos – são hoje, junto com as exigências legais, com organismos nacionais e internacionais e a proteção da sociedade, o contexto motivador gritante para se realizar mudanças tanto estruturais quanto de paradigma e olhar, chegando-se assim ao investimento psicossocial em pessoas que de fato podem ser entendidas como em processo de reeducação e ressocialização.

O Estado da Questão e a oportunidade

* No bojo da cultura de Paz e dos Direitos Humanos

Apesar de o termo Cultura de Paz e Direitos Humanos e as propostas sistemáticas e político-institucionais de pacificação contarem com mais de 50 anos de história, a cultura de paz hoje é um fator emergencial (urgente e emergente) e está na fase de consolidar processos de pacificação, cultura e garantia de direitos. Para muitos, os termos (CP e DH) são fragilizações da vida real, ou ainda defesa de “direitos de criminosos”, ou então propostas de cunho religioso que destoam da vida civil. Este entendimento provoca uma despotencialização, deseducação e despolitização do que de fato sejam, e representam assim uma perda - fruto do medo – às propostas de eficiência dos princípios sociais citados. Precisamos mostrar à sociedade “incluída” e tomada pelo medo, de que inclusão e exclusão são um processo conjunto, uma balança social, como podemos ver no funcionamento da vida social (ver a Teoria do Dom e trocas sociais - M. Mauss). Acoplada a isto, a eficiência da ideia de justiça depende diretamente do grau de humanização/socialização dos

atores envolvidos. Especificamente, cuidar das pessoas presas é um bom negócio, um caminho fundamental para a diminuição de violência urbana e aumento de pacificação social.

* Estamos num momento oportuno de trabalho social devido a fatores como:

- Urgência de uma cultura de inclusão, pacificação e sociabilidade no mundo e no Brasil. Cenário de violência crescente a ser pacificada e necessidade de os governos proporem ações de base (humanizadoras) para tanto.
- Necessidade dos governos estadual e federal de repensar e reinvestir na área social
- Elaborar um trabalho com resultados positivos que possa se expandir para o Sistema prisional estadual e quiçá nacional com algum modelo, somando à experiências altamente positivas já realizadas no país e no mundo nesta área.
- Equipe multidisciplinar e interinstitucional disposta ao trabalho, com apoios governamentais

* Acentuamos aqui o duplo caráter deste Projeto: de **inovação** e de resposta para algumas demandas da crise prisional do presente.

Inovação: um projeto deste porte, com tal amplitude e o elenco de tecnologias sociais aqui propostas é algo inovador.

Tempo presente: nos últimos anos em vários lugares no mundo percebeu-se a necessidade de uma ressocialização eficaz na gestão da violência. Hoje temos em vários países práticas de meditação, orações, loga e outras ações físicas, cursos e eventos, num conjunto crescente dentro e fora de prisões. Os resultados vistos são muito positivos em vários graus. O valor humano-social – ético - destes trabalhos quando são eficazes tem sido relevante.

A necessidade de capacitação e nivelamento da equipe

Como exposto, faz-se necessário um cronograma e plano de capacitação para a própria equipe de trabalho, com pessoas com conhecimento teórico e prático dos temas, com convidados especialistas.

Encontros durante o semestre serão fundamentais. A elaboração de um seminário de estudos, aberto a outros especialistas, podendo ocorrer num fim de semana.

Propostas:

- 1 - Reuniões quinzenais ou mensais de formação interna, podendo contar com convidados, bem como reunião da Rede. Análise de casos.
- 2 – Seminário sobre Humanização no Sistema Criminal: (data a fechar)
- 3 – Imersão dos envolvidos em Formação com experimentação de tecnologias psicossociais e Justiça Restaurativa (ver agendas de formação e grupo de JR na rede social).
- 4 – Elaboração de Convênio entre as instituições parceiras e presídios.

Características da equipe e do tipo de trabalho

.....

Necessidade de mapeamento

Para desenvolver de fato a intervenção, precisaremos elaborar um plano básico de mapeamento do ambiente, da situação e das pessoas. Isto deve incluir:

- Entrevistas/conversas com funcionários
- Um questionário do preso participante, com dados relevantes, não apenas de identificação, mas com elementos psicossociais, do histórico de vida
- Captação de dados junto à Direção do Presídio / SERES e outros.
- Elaboração de Banco de dados e relatórios de intervenções.

Riscos: minimização

A conversação prévia com especialistas e pessoas com experiência na área de segurança interna em presídios faz-se necessária para minimizar riscos da intervenção. Igualmente, o contato frequente com a equipe de segurança do Presídio antes da ação deve ser implementado.

É preciso ter noção prévia de quem é cada pessoa presa que estará participando do projeto. Para tanto, o mapeamento faz-se tb. importante.

Precauções que devem ser tomadas quanto a comportamentos, vestimentas, ações e interações das pessoas da equipe com os presos.

Manutenção de sigilos e dados resguardados de todos os envolvidos.

Estratégias de entrada e intervenção

Um plano de conversações/reuniões com a Direção do Presídio e SERES faz-se fundamental. A capacidade de diálogo e negociação com os gestores é essencial para a equipe. Este projeto deve passar por discussão com a Direção e SERES.

Reuniões prévias e no decorrer do projeto para análise de andamento e resultados, monitoramento.

Aqui cabe entender e entrar na Rotina do Presídio.

Igualmente, pensar as ações e estratégias de intervenção dentro do ambiente de Rotatividade das pessoas presas.

Possibilidade de parcerias e apoios institucionais

EDR / FDR / CDHDC / PPGDH - UFPE

Direção do Presídio

Escola do Presídio

SERES

Arte de Viver

Igrejas presentes no Presídio AB

Secretaria de Educação

Companhia (ou profissionais) de teatro interessada

Instituto Constelar (Constelação Familiar e solidária)
Profissionais de música (Maestro Gil etc.)
Voluntários previamente capacitados
Instituições e oficialidades apoiadoras ou financiadoras

Possibilidades metodológicas

- 1 – Do projeto de pesquisa
- 2 – Das intervenções.

* Uma metodologia geral ou modo de abordagem que pode nos servir de guia ao projeto é o Estudo de Caso (), bem como a Pesquisa-ação e Pesquisa Participante () (tendo como fundo filosófico a ética da alteridade e Diálogo, a teoria de sistemas e o).

No caso da Hermenêutica o foco está na compreensão, interpretação e aplicação, com o diálogo constante com as realidades e os sentidos que elas carregam e vão apresentando e se processando. Ali nosso rumo é corrigido continuamente conforme o andamento das ações, pautadas basicamente no resgate do ambiente e da alteridade (cf. Pelizzoli, 2007). **Diálogo** parece ser a palavra-chave em jogo, pois, mais do que comunicação, trata-se de um encontro de sentido entre seres humanos, trata-se da possibilidade de sucesso ou fracasso de qualquer projeto humano. Diálogo exige basicamente uma escuta atenta, verdadeira, que evoca a Presença (sem salvar nem condenar), sem atitude de superioridade ou inferioridade - o que não exclui nossa firmeza de propósito e princípios e que não cedemos à violação; o diálogo verdadeiro exige a Pergunta verdadeira, que de fato quer saber do outro, querer encontrar o que vem do outro sem julgá-lo. Na hermenêutica, a pergunta é tão importante quanto a resposta. Muitas perguntas não terão resposta, mas podemos ter a presença e instaurar uma comunicação humana. Aqui já nos encontramos no âmbito da ressocialização.

Projeto Piloto

O projeto-piloto estará dentro das primeiras ações. Não deve ser olhado apenas como um ensaio laboratorial que dará a verdade da intervenção e de hipóteses, mas como a própria ação, sujeita a aprendizado constante. Portanto, ele estará aberto a acréscimos e modificações, podendo estender-se e desdobrar-se até alcançar resultados significativos passíveis de monitoramento, pesquisa e reprodutibilidade.

* Conversas com presos para entendimento de ambiente, modo de subjetivação e linguagem.

Objetivo:

Proponentes/ministrantes:

Período previsto:

Condições:

Ações propostas - Piloto

(As discriminações abaixo são apenas didáticas, pois uma ação pode ter mais de um campo/área envolvida)

- Ações em educação física:
(ver com Telma e colegas... AB)
- Ações de ordem psicossocial:
- Ações de ordem educacional convencional:
- Ações de ordem cultural-artística:
- Ações de ordem de saúde e alimentação:

Monitoramento e acompanhamento do Piloto e do Projeto Geral

O projeto Piloto deve ser acompanhado por relatório feito pelo profissional em campo, e que deve ser compartilhado com a equipe, e em reuniões da mesma para análise de resultados e possíveis encaminhamentos.

* Critérios de Monitoramento dos resultados esperados, avaliação e acompanhamento

Critérios de Participação dos presos

Em regra geral devem ser escolhidas pessoas presas com bom comportamento e com consentimento que vão passar por seleção interna básica, e que contarão com a devida aprovação da Direção do Presídio.

Cursos possíveis para o Projeto Geral

- 1 – Círculos de diálogo e de Paz
 - 1.1 - contação de histórias
 - 1.2 - Rodas de Terapia Comunitária
 - 1.3 - Constelações Familiares e TSFI
- 2 – Meditação, silêncio e consciência corporal e mental
- 3 – Música.
 - 3.1 Audição de músicas eruditas
 - 3.1 - Cantos conjuntos com letras propícias
 - 3.2 – Encontros dos tocadores internos e autores
 - 3.3 – Musicoterapia.
- 4 – Exercícios bioenergéticos.
 - 4.1 - Liberação do Trauma (TRE)
 - 4.2 – Exercícios de Respiração e mente-corpo

4.4 - loga

5 - Teatro. Representação de Conflitos - do Oprimido e do espontâneo

5.1 – Arteterapia

6 – Exercícios físicos específicos

7 – ASSESSORIA JURÍDICA

* Coordenadores/ministrantes: Marcelo Pelizzoli (EDR-UFPE), Grupo Além das Grades, Denise Moura, Arte de Viver; membros da Equipe Justiça Restaurativa e PPGDH

* Convidados: Instituto Constelar, maestro Gil, Fernanda Soveral, Aurea Silva, Instituto Libertas, Arteterapia PE, Luciana, Júlio Lins

* Assessorias:

Eventos

Dia da *Pessoa Presa*: dia celebrativo da vida para os internos, com evento musical e confraternização, jogos,

Metodologias pontuais e metas das tecnologias sociais - intervenções

Resultados Esperados

Do projeto-piloto:

* Mapeamento de dados pessoais, ambiente-instituição, rotinas, códigos e linguagem dos internos, para composição do Projeto Geral e específicos.

* Averiguar alguma melhora na qualidade de vida dos internos trabalhados

* ...

Do projeto Geral:

Objetivo Geral: Propiciar graus de humanização / ressocialização a pessoas presas

- Aumento de auto-estima do preso
- Aumento de concentração e disposição física.
- Tomada de consciência do fator psicossocial – familiar e comunitário e a reverberação interna disso
- Aumento de capacidade lúdica (criatividade, musicalidade,
- Aumento do Grau de pacificação de comportamentos agressivos / prevenção de conflitos, ligado ao gerenciamento de emoções negativas.

Bibliografia citada

- Pelizzoli, Marcelo L. (org.) *Cultura de paz – educação do novo tempo*. EDUFPE, 2008
- _____. (org.) *Cultura de paz – alteridade em jogo*. EDUFPE, 2009.
- _____. (org.) *Os caminhos da Saúde – mente e corpo*. RJ: Vozes, 2010.
- _____. (org.) *Diálogo, mediação e práticas Restaurativas*. EDUFPE, 2012
- _____. “Cultura de Paz restaurativa” (internet, 2015)